

A ARTE E PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL: a formação social dos sentidos

*Professora PDE: Suely Rosa Matias¹
Orientadora: Sonia Mari Shima Barroco²*

Resumo

Este artigo resultou do estudo na Área PDE *Rede de apoio à inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais* (NEE) e tem como tema a Arte na Educação Especial. A investigação, feita por meio de estudos bibliográficos e de discussões sobre a prática escolar, levou-nos a repensar a importância da Arte na vida de alunos com NEE e a elaborar uma proposta de intervenção. As atividades dessa intervenção foram realizadas com alunos de uma escola especializada, no sentido de contribuir para a *formação social* dos sentidos, portanto, da própria mente. O objetivo do estudo foi oferecer melhores subsídios para que alunos possam se comunicar e se expressar dentro de suas necessidades e limitações, de forma a conhecerem melhor a si mesmos, aos outros e ao mundo ao seu redor. Os questionamentos suscitados foram superados com a utilização da matriz teórica adotada, a Teoria Histórico-Cultural. Ao realizar as atividades percebemos que os objetivos propostos foram atingidos, pois o trabalho realizado com a Arte em suas diferentes manifestações, além de gerar desenvolvimento das crianças, sensibilizou-as e as acolheu e contribuiu para sua formação como pessoas culturais humanizadas.

Palavras-chave: Arte; Educação Especial; Teoria Histórico-Cultural.

¹ Especialista em Educação Especial – Deficiência Mental, Graduada em Educação Artística, Professora de Arte da Escola Esperança – Educação Infantil e Ensino Fundamental, na Modalidade de Educação Especial.

² Doutora em Educação Escolar pela UNESP de Araraquara, Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá – UEM, Coordenadora do Mestrado em Psicologia da UEM.

1 Introdução

O presente artigo foi motivado pela participação no Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE (2010/2012), Programa de Formação Continuada dos Professores da Rede Pública do Estado do Paraná, desenvolvido em convênio com as instituições de ensino superior (IES) estaduais, entre elas a Universidade Estadual de Maringá. O estudo abordou alguns conceitos que se atrelam à área de estudos *Rede de apoio à inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais* – NEE e teve como tema a Arte na Educação Especial. Dentro da nossa proposta de trabalho, procuramos investigar e compreender, por meio de estudos bibliográficos, da nossa própria experiência docente e de um trabalho sistematizado, a importância da Arte na vida de alunos com NEE.

A abordagem desse tema teve como motivação as necessidades identificadas na prática escolar, pois compreendemos que as metodologias e a mediação docente são fundamentais para o processo de humanização de alunos com NEE. A Arte se caracteriza pela oferta de atividades que, além de proporcionarem conhecimentos científicos, podem levar o homem a refletir sobre a condição individual, familiar e social em que está inserido.

Como o homem é um ser inacabado e em processo contínuo de desenvolvimento, são necessárias mediações e intervenções que lhe possibilitem superar as dificuldades para um desenvolvimento cultural próprio da cultura do gênero humano.

Conforme as Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Arte, do Estado do Paraná (SEED, 2008), numa perspectiva marxista, a Arte é “(...) uma forma de trabalho criador” (p. 54), e está presente desde os primórdios da humanidade. Ela não só se constitui como meio de expressão do artista, mas também registra o próprio percurso de desenvolvimento da humanidade. Conforme as Diretrizes, é pelo trabalho que os homens ganham as características de seres humanizados. A Arte é uma das formas da atuação do homem sobre a natureza e tem como propósito suprir suas necessidades, o que acaba transformando a ele próprio e gerando-lhe uma nova natureza.

Tudo o que o homem cria para o domínio da natureza provoca-lhe transformações, pois, ao mudar o mundo, o homem é por ele modificado, e ao criar

processos e ferramentas, ele também forma seu próprio psiquismo, num longo processo histórico. Tudo o que o homem cria, guarda em si elementos que o humanizam, diferenciam-no dos animais e o identificam como ser de uma dada época e cultura. Essa visão, que está presente nas Diretrizes... (2008), fundamenta-se em L. S. Vygotsky (1896-1934), segundo o qual o psiquismo humano se constitui social e historicamente e a mente é formada socialmente.

Para essa formação, é preciso que o indivíduo conviva com outros indivíduos mais desenvolvidos da cultura, os quais lhe servirão como mediadores que permitirão as elaborações humanas serem expostas, internalizadas e apropriadas. Com essas apropriações é que o indivíduo terá elementos para também fazer suas elaborações ou suas objetivações. Esse processo contínuo e dialético de apropriações e de objetivações referentes ao processo de formação social da mente, que também diz respeito à formação das novas gerações, realça a importância de termos contato com as elaborações já feitas e delas nos apropriarmos. Neste sentido, a Arte, enquanto elaboração humana, ao ser ensinada e apropriada, colabora, por seu conteúdo e forma, com esse processo formativo.

Podemos então dizer que o homem, ao lutar por sua vida, transformou o mundo e formou-se como gênero humano, tornando-se capaz de, paulatina mas continuamente, abstrair, simbolizar e criar Arte, entre outras capacidades. Como consta nas Diretrizes (PARANÁ, 2008), ao longo dos diferentes períodos históricos e em todas as culturas nota-se a presença, de maneiras diferentes, elaborações que hoje denominamos Arte. Isso se nota em objetos utilitários, ritualísticos e outros – nem sempre considerados objetos artísticos. A cada espaço temporal, geográfico ou social o ser humano produz diferentes maneiras de ver e de sentir, daí a importância de considerarmos os fatores sociais, políticos e econômicos que impactam as relações dos homens entre si e destes com os objetos e produtos criados, para assim podermos compreender as diversas funções que a Arte assume ao longo da história.

A citação abaixo aborda essa questão

Para compreender a arte como trabalho criador ou criação artística parte-se do fato do trabalho configurar toda a ação histórica e socialmente desenvolvida pelo homem sobre a natureza (ou sobre o mundo humanizado). Assim, o ser humano vem produzindo sua existência e se constituindo como ser histórico e social. No trabalho artístico, os elementos

individuais e/ou sociais de conteúdo e de forma não estão dissociados. O conteúdo é sempre conteúdo de uma forma: não é exclusivamente determinado pelo que está composto na obra, mas como está composto, isto é, o modo pelo qual o artista, consciente ou inconscientemente, expressa o conteúdo, as tendências sociais do seu tempo (FISCHER, 2002). A forma é resultado tanto das determinações sociais – inclusive das condições e opções que as ciências da época oferecerem – quanto da singularidade do artista, e é condicionada, em certa medida, pela técnica e pelo material utilizado, cujas propriedades específicas ora se impõem irremediavelmente, ora abrem para o artista possibilidades de criação diversificada. (PARANÁ, 2008, p. 60, 61).

O contato com essas elaborações propicia aos alunos uma formação enriquecida, como se deduz da citação abaixo:

No processo do trabalho de criação, com sua ação/intenção o artista imprime sua subjetividade à matéria: torna materialmente visível, tateável e audível, formas específicas que antes eram tão somente conteúdo individual/mental/emocional, ainda que socialmente constituído. Conclui-se, então que no trabalho artístico o artista se objetiva no mundo e, ao mesmo tempo, subjetiviza o mundo, fazendo com que a arte componha o chamado mundo humanizado, ou o mundo da cultura, portador da marca do homem. Vista dessa forma, é essencial no ensino de Arte que o educando desenvolva atividades de cunho artístico no âmbito da escola, pois, “ao transformarmos as matérias, agimos, fazemos. São experiências [...] – processos de criação – que nos envolvem na globalidade, em nosso ser sensível, no ser pensante, no ser atuante” (OSTROWER, 1987, p. 69). A autora ainda argumenta que quando o homem cria, quando transforma uma matéria dando-lhe nova forma, atribui-lhe significados, emoções e a impregna com a presença do seu próprio existir, captando e configurando-a. Ao estruturar a matéria, também dentro de si o ser humano se estrutura. Ao criar, ele se recria e se constitui como ser humano criador, consciente, que toma posição ante o mundo. (PARANÁ, 2008, p. 61 e 62).

Podemos notar as influências do marxismo na concepção da Arte e da escolarização. Quanto à psicologia que procura explicar a aprendizagem e o desenvolvimento humanos e à influência da escola, merecem destaque os autores da Psicologia Histórico-Cultural. Em suas pesquisas esses autores concluíram que as intervenções sociais são molas propulsoras do desenvolvimento humano. Acerca disso, ao tratar das obras de Vygotsky, que liderou essa teoria, Barroco (2007, p. 37) cita que Leontiev (1997, p. 424), um continuador das elaborações vigotskianas, aponta que aquele autor (Vygotsky):

(...) já defendia que as mediações semióticas imprimem um caráter diferencial ao desenvolvimento humano. Inovou, portanto, ao compreender que o desenvolvimento do psiquismo humano é de caráter fundamentalmente social. Também destacava a necessidade do estudo da gênese, da fundamentação e do desenvolvimento social e histórico da função semiótica, considerando categorias como totalidade e contradição. (LEONTIEV, 1997, P. 424 apud BARROCO, 2007, P. 37)

Leontiev, além de apontar dados relevantes da vida e obra de Vygotsky, também teorizou a respeito da formação social dos sentidos. A seu ver, o olho precisa ser humanizado, isto é, precisamos aprender a olhar e a enxergar – não só a receber luz e a produzir impulsos elétricos que incidirão sobre o sistema nervoso central e provocarão uma reação.

Neste aspecto, a Teoria Histórico-Cultural, opção teórica adotada no Projeto PDE, foi escolhida pelo fato de nela se compreender que todos os indivíduos podem se desenvolver, independentemente de terem ou não uma deficiência. Assim, pensando na importância da criatividade, da sensibilização e da imaginação, resolvemos concretizar este trabalho, por tratar de uma prática educativa que proporciona novas experiências de acordo com as realidades e necessidades individuais.

Com raras exceções, a Arte tem-se apresentado como uma ciência que promove desenvolvimento humano e que geralmente é utilizada no cotidiano da escola como promotora de espetáculos e não como fator de formação social dos sentidos.

Conforme a visão de Vygotsky (citado por BARROCO, 2007) sobre a criatividade humana:

[...] o homem é, a princípio, necessariamente criativo. As necessidades o levam a intervir de diferentes maneiras, e com o auxílio de diferentes recursos instrumentais, no mundo, na natureza, modificando-os. Ao modificá-los, conseqüentemente ele também sofre transformações em seu psiquismo. O homem acumula saberes que estão cristalizados em objetos, processos e instituições que serão apropriados pelos seus pares e pelas novas gerações. (BARROCO, 2007, p.15).

Nessa perspectiva, é fundamental repensarmos o papel da Escola - seja ela comum ou da área de Educação Especial - ao propiciar atividades aos seus

escolares, pois acreditamos, com base na teoria de Vygotsky, que todos os seres humanos podem aprender e desenvolver-se. Para isso se faz necessária a utilização dos mais variados recursos e instrumentos educativos. Não basta termos contato com as produções humanas, é também necessário que nos apropriemos delas, que elas possam se tornar parte de nós mesmos. Quando isso ocorre, dá-se a aprendizagem, e esta, por sua vez, movimenta o desenvolvimento, como escreve Vygotsky (2006).

Desta forma, entendemos que a Arte traz em si as mais diversas situações, que podem levar à formação social dos sentidos e à compreensão do ser humano em todas as circunstâncias de vida, contribuindo para superar concepção de homem e de sociedade, a qual passa de uma visão ingênua da vida para uma visão crítica e transformadora.

O trabalho junto aos alunos foi desenvolvido em três eixos:

1. Indivíduo: fatos e fotos do desenvolvimento em tela;
2. Família: contos e cantos;
3. Sociedade: manipulada, modelada, recortada e colada.

Na realização das atividades percebemos quanto os alunos apresentaram interesse e comprometimento com o que era ensinado. Eles ficavam surpresos a cada tarefa, a cada tema trabalhado. Ademais, não foram somente eles que se envolveram, mas toda a escola se movimentou, tanto que alunos que não estavam participando do Projeto PDE também começaram a mostrar interesse em ouvir outros alunos comentando as atividades.

Com essa proposta de investigação no campo teórico por meio de atividade com os alunos, supomos que a Arte, que ocupa um lugar diferenciado, foi vista com outros olhos: o da transformação humana. A Arte contribui com um conteúdo que permite o trabalho de genericidade, de formação do gênero humano no ser, que qualifica os seres humanos como tais.

2 A Arte na Educação Especial e o trabalho realizado

Citamos abaixo um excerto de um documento oficial sobre a Arte na educação:

Como conhecimento da realidade, a arte pode revelar aspectos do real, não em sua objetividade – o que constitui tarefa específica da ciência –, mas em sua relação com a individualidade humana. Assim, a existência humana é o objeto específico da arte, ainda que nem sempre o homem seja o objeto da representação artística.

A arte, como forma sensível, apresenta não uma imitação da realidade, mas uma visão do mundo socialmente construída através da maneira específica com que a percepção do artista a apreende. (PARANÁ, 2008, p. 54).

Essa citação demonstra a importância da Arte para a formação dos alunos. A Arte é fundamental para o desenvolvimento dos sujeitos, pois, além de contribuir com conteúdos científicos e culturais, através das atividades que envolvem diversas áreas - como a música, a literatura, o teatro, as artes plásticas e a dança -, pode gerar sensibilização e contribuir para formar o homem cultural, com humanização. Segundo Barroco,

Vygotsky e demais autores da Teoria Histórico-Cultural comungavam o ideal de emancipação humana. Elevar o homem da condição primitiva, de espécie biológica à de gênero humano, de sujeitos singulares era compromisso subjacente às inúmeras investigações realizadas. (BARROCO, 2007, p. 41).

Em vista disto, na implementação do Projeto PDE na Escola Esperança, que se desenvolveu de 05 de setembro a 12 de novembro de 2011, em encontros de quatro horas semanais, buscamos a efetivação de atividades que proporcionassem desenvolvimento humano, as quais foram realizadas de maneira satisfatória.

A nossa proposta foi desenvolver atividades elaboradas de maneira objetiva, dinâmica, lúdica e culturalmente contextualizada, com o propósito de integrar as crianças com o fazer artístico dentro da dança, música, teatro e artes visuais.

Os alunos contribuíram, empolgaram-se e realizaram as tarefas com dedicação e interesse, e para isto receberam da escola todo o apoio necessário. Participaram das aulas de Arte oito alunos (quatro meninas e quatro meninos) que faziam parte da mesma turma da escola. As atividades foram realizadas em dezesseis encontros, organizadas em três eixos, que compreendem o pensar, o fazer e o existir do sujeito histórico-social - indivíduo, família e sociedade.

Em seus estudos Vygotsky (2006, p. 108) demonstra que o intelecto não é a mera reunião de determinado número de capacidades gerais, como observação, atenção, memória, juízo, etc., mas, sobretudo, é a somatória de diferentes capacidades, cada uma das quais, em certa medida, embora não se desenvolva de modo idêntico às outras, não é totalmente independente. Assim, cada uma deve ser desenvolvida por meio de exercícios adequados. Essa tarefa de planejamento e de aplicação cabe ao professor, profissional a quem compete desenvolver não apenas uma única capacidade, como a de pensar, mas buscar o desenvolvimento de diferentes faculdades, como, por exemplo, a de concentrar a atenção sobre diferentes matérias. Assim, é com a atividade sistematizada e contínua que o aluno não apenas aprende conteúdos, mas também desenvolve funções propriamente humanas, ou seja, sentidos humanizados.

No eixo **Indivíduo**, trabalhado em nove encontros, explicamos que o corpo humano é uma obra de Arte e tem sido representado no decorrer da história por diferentes artistas, de várias formas e maneiras, retratando momentos, necessidades, desejos, frustrações e sonhos humanos. Para enriquecer o ensino, utilizamos mapas, o globo terrestre, bandeiras e ilustrações, explicando que os seres humanos se diferenciam de acordo com o país ou a região onde nascem, mas que atualmente as raças se misturaram e formaram um novo homem.

Neste sentido, trabalhamos o esquema corporal, uma atividade considerada simples, porém com a mediação do professor e a participação dos alunos, notamos quanto foi preciosa, pois permitiu a cada um visualizar seu tamanho e o espaço que ocupa, e “vestir” seu personagem com roupas e acessórios do seu agrado. Notamos que as crianças ficaram envolvidas com o processo de criação, ainda que de forma simples.



Figura 1 – Crianças complementando o desenho do corpo humano com roupas e acessórios e suas expressões fisionômicas.

O educando necessita conhecer o seu próprio corpo e tomar consciência de suas partes. Esse conhecimento é fundamental para o seu desenvolvimento psicomotor e o domínio do ambiente. Nesta atividade cada parte do corpo foi explorada separadamente, para a compreensão de como uma pessoa pode ser representada graficamente. Para isso, partimos sempre de sua experiência individual. Um jeito agradável de iniciar este conhecimento na aula de Arte foi desenhar o contorno da própria criança. Muitas vezes a criança não diferencia as partes do corpo da roupa que ela está vestindo, por isso, quanto menos roupa ela estiver usando nesta atividade, mais facilmente ela desenhará o corpo.

Com relação ao desenvolvimento da criança, Vygotsky observa:

A diferença substancial no caso da criança é que esta pode imitar um grande número de ações - senão um número ilimitado – que supera os limites da sua capacidade atual. Com o auxílio da imitação na atividade coletiva guiada pelos adultos, a criança pode fazer muito mais do que com a sua capacidade de compreensão de modo independente. A diferença entre o nível das tarefas realizáveis com o auxílio dos adultos e o nível das tarefas que podem desenvolver-se com uma atividade independente define a área de desenvolvimento potencial da criança. (VYGOTSKY, 2006, p. 112)

Assim, compreendemos que é fundamental a mediação do adulto no mundo da criança, pois estas relações geram desenvolvimento.



Figura 2 – Poses das crianças juntamente com seus desenhos já terminados.

Observando imagens já preparadas anteriormente (folhas em papel-cartão com colagem de revistas de partes do corpo humano), fizemos comentários sobre as partes do corpo destacando seus nomes corretos. Levamos um perfume para as crianças usarem, por exemplo, na nuca, nos pulsos, atrás da orelha e em outras partes. Foi fundamental refletir sobre as diferenças individuais, pois possibilitou perceber a figura humana tanto em seu aspecto físico quanto em suas preferências individuais.

Cantar e gesticular conforme a letra da música “Lavar as mãos”, de Arnaldo Antunes provocou uma contagiosa alegria. As crianças somente não gostaram da parte da “mamadeira”, que as incomodou, pois algumas haviam parado de mamar recentemente.

Consideramos importante ter levado os alunos a pensar sobre sua condição de indivíduos inseridos na sociedade, que exige deles determinados comportamentos e regras para viver e conviver em grupo. Também merece destaque a música como uma Arte que pode transmitir emoções das mais variadas, como tristeza, alegria, ódio, amor, etc. Foi igualmente importante informá-los sobre os mais diversos assuntos e promover reflexões.



Figura 3 – Criança lavando as mãos, conforme sugerido pela professora.

Uma das atividades de grande importância para o desenvolvimento do indivíduo é a percepção dos sons à sua volta. O professor deve levar a criança a pensar e perceber isso, por isso pedimos a uma delas que fechasse os olhos para sentir que todas as coisas têm sons característicos. Ela ouviu o som do vento, dos pássaros a cantar, das folhas a balançar, o timbre de pessoas e objetos, a respiração do colega, a batida do coração, etc.

Foi de grande importância gesticular e fazer mímicas com as mãos e os pés. Usamos um lençol para não ser visto o corpo e ora visualizamos as mãos, ora os pés. É próprio do gênero humano realizar tarefas como a que envolve as artes cênicas, tão antigas como a própria humanidade. É preciso enfatizar nesta atividade as questões que envolvem a individualidade do ser, como esconder os sentimentos, representar ser algo que muitas vezes não acredita ser, fantasiar, brincar, fingir, mentir, etc. (ver conteúdos sobre teatro nas diretrizes do Paraná)



Figura 4 – Crianças movimentando os pés e imitando personagens diversos.

Quanto à importância de representar a figura humana relacionando-a com o contexto histórico, cultural e social no qual a criança está inserida, Barroco (2007, p. 100) afirma que “o desenho da figura humana permite a projeção da autoimagem, do autoconceito, do sujeito”. Neste sentido, o professor, por exemplo, deve não apenas perceber a necessidade de buscar informações e novos conhecimentos, mas também despertar nas crianças a sensibilização necessária para elas desenvolverem todo o processo de humanização.

Procuramos figuras humanas em revistas onde as pessoas não apareciam completas e as mostramos às crianças, perguntando-lhes o que todas as figuras tinham em comum, além de serem figuras humanas. Quando elas não conseguiam responder nós lhes dávamos algumas dicas, perguntando-lhes o que faltava em cada pessoa. Uma figura poderia apresentar metade de um homem de terno, outra poderia ser das pernas e a barra da saia de uma mulher, e assim por diante. Mostrávamos o que cada um deveria fazer. As crianças davam sugestões e gradativamente ia aparecendo uma figura com as partes adicionadas em lápis de cor. Inicialmente as figuras humanas deveriam ser simples, sem movimento de braços e pernas, e ser fotografadas de frente, para não confundir as crianças. Estas poderiam também usar desenhos de roupas sem a figura humana, as quais são fáceis de completar, a partir das mangas, da gola ou da barra da saia. Nesta atividade, fez-se necessário refletir sobre a figura humana na condição de indivíduo

em sua totalidade. O ser humano é ao mesmo tempo individual e social e é construído em contato com seus pares, ou seja, o homem é histórico-cultural.



Figura 5 – Figuras humanas recriadas pelas crianças.

A atividade de história em quadrinhos poderia ser feita com carimbos das digitais de cada aluno. Mostramos como usar a impressão do dedo com tinta guache como corpo de uma figura, que foi completada com caneta hidrográfica. A criança adicionava braços, pernas, cabeça e os detalhes que caracterizam o personagem. A impressão digital também pode ser a cabeça de um animal, uma flor, uma árvore, etc. A tinta para impressão também poderia ser na almofada para carimbos, colocando mais de uma cor. Depois se colocaria a impressão no papel e a criança deveria limpar as mãos em um pano úmido. Houve encantamento com os personagens. Criamos coletivamente uma história e então surgiu a ideia de montar uma camiseta com a história criada. Isto gerou expectativa e não medimos esforços para realizar o sonho das crianças. Referimos que cada indivíduo tem uma impressão digital diferente e única e que o homem é uma unidade que faz parte de uma sociedade.

Essa atividade é considerada uma das formas de arte mais populares entre as crianças, que gostam de ouvir histórias e fantasiar, o que desenvolve sua capacidade criadora. Nesse sentido, é imprescindível que os alunos sejam levados a pensar no papel que cada indivíduo exerce na sociedade, todas as pessoas são seres que pensam e fantasiam seu mundo.



Figura 6 – Personagens da história contada pela professora, onde as crianças usaram as suas digitais, desenharam e pintaram.

Apresentamos às crianças algumas telas de Cândido Portinari que retratam crianças e adolescentes que, embora fossem de outras décadas, tinham os mesmos sonhos e encantamento que os de hoje. Também comentamos sobre aquele artista brasileiro, sua obra e sua vida. As crianças foram levadas a conhecer os materiais através dos seus sentidos. As tintas poderiam ser comestíveis, mas, como nossas crianças são um pouco maiores, usamos tinta comum. A pintura a dedo foi um sucesso. As crianças começaram a pintar com um pouco de receio, mas logo se soltaram e suas mãos foram envolvidas. Uma criança comentou que teria que lavar muito bem a mão para a mãe não perceber e ela não apanhar. Os alunos também usaram camisetas da sala de aula, próprias para pintura. Foi importante mostrar-lhes que a tinta é um produto milenar e que foi aprimorada pela humanidade no decorrer da sua história. Informamos-lhes que há vários tipos de tinta e que esta pode ser extraída de folhas, flores, areia, pedra, carvão, etc. Também desenvolvemos esta atividade e as crianças ficaram surpresas com os resultados.

Dentro do eixo **Indivíduo**, explicamos às crianças que as cores podem expressar sentimentos e emoções, e que usá-las para isto é uma prática comum em nossa cultura - por exemplo, usar o verde para significar esperança, o preto para manifestar luto e o branco para significar a paz. Dissemos-lhes que muitas pessoas gostam de se definir por meio de cores.



Figura 7 – Criança misturando as cores, usando a mão.

Portinari escreve em seu livro *Retalhos de minha infância* sobre os pés dos trabalhadores - pés cansados, sofridos e disformes, pés que podem contar uma história e se confundiam com as pedras e espinhos. Eram semelhantes aos mapas - com montes e vales, vincos e rios - e ficavam expostos. Era divertimento de muitos apagar a brasa de cigarro nas brechas dos calcanhares sem que a pessoa sentisse. Lemos a carta, observamos a tela “*O Café*” e as crianças, por meio de experiências, iam descobrindo como e por meio de quê as sensações táteis são percebidas. Fizemos massa de modelagem, sentindo os ingredientes e movimentando-a mesma; sentindo a textura, elas manusearam os ingredientes colocados. Foi importante proporcionar-lhes diversas oportunidades para perceber as sensações de frio, quente, gelado, molhado, úmido, seco, macio, mole, etc. Ao final desta etapa fizemos pés, realizando uma reflexão com base na obra do artista Portinari. O ser humano passa por momentos de dificuldade em sua existência, por isso os pés são utilizados na obra de Portinari para expressar a luta, o trabalho, o sonho e a esperança. Nesta tarefa da Arte de modelar queríamos mostrar às crianças que o homem é moldado pela sociedade, muitas vezes explorado, sendo-lhe tirada a oportunidade de ser feliz e desfrutar das riquezas produzidas por todos os homens ao longo da história.



Figura 8 – Pés confeccionados com massa de modelar.

No eixo **Família**, trabalhado em quatro encontros, conversamos sobre a organização familiar, as pessoas que moram juntas, unidas por laços - consanguíneos ou não. Explicamos que os membros de uma família costumam ter o mesmo sobrenome herdado de seus ancestrais. As crianças trouxeram fotos de sua família, exploramos nomes, onde moram, o que costumam fazer no tempo livre, seus hábitos, costumes, sonhos, problemas, a profissão dos pais, os direitos e deveres dos filhos, a educação, a alimentação, a farmácia, etc. Procuramos figuras e fizemos cartazes e desenhos relativos. Também exibimos uma tela retratando a família de Di Cavalcanti, situando a época em que ela foi produzida - um momento em que os indivíduos se deparavam com situações contrastantes, como a euforia pelo desenvolvimento tecnológico e, por outro lado, a constatação dessas condições não bastavam para garantir a todos uma vida condizente com a dignidade humana.

Na continuidade, cantamos e dançamos com a música – *Rap da Família*, de Ana Paula Valadão, e comentamos que a dança é uma das mais encantadoras e populares formas de expressar a Arte. Percebemos que as meninas demonstram maior desenvoltura com a dança do que os meninos. Isso não é algo natural, biológico, mas algo que se constitui social e historicamente. Na sociedade atual ainda não é recorrente que meninos, por exemplo, sejam bailarinos. Assim, essa desenvoltura feminina para a dança é formada e reproduzida. Comentamos, então, quantas outras habilidades não deixam de ser formadas, para as crianças com deficiência intelectual, quanto as habilidades que envolvem a motricidade não são rechaçadas, e quantas habilidades mentais deixam de ser formadas pelo abandono intelectual.

Quando realizada a atividade “deslizar sobre o papel”, foi impressionante o medo e o fascínio de fazer algo que jamais tinham feito.



Figura 9 – Crianças aguardando para iniciar a atividade.
Observação: Uma aluna faltou, por estar com catapora.

Folhas de papel-paraná foram estendidas e fixadas ao chão, uma ao lado da outra, construindo um conjunto e as tintas foram ali colocadas. As crianças, descalças e as calças previamente dobradas até o joelho, andavam ao ritmo de música suave para relaxar e se envolver na atividade sobre as folhas. Foi emocionante sentir a tinta misturando-se com a ajuda dos pés, nascendo novas e bonitas cores. Convidamos outras crianças para participarem, inclusive um cadeirante. Enriquecemos as produções com texturas diversas, como barbante, sementes de colorau, pedaços de estopa, papel umedecido, etc. As crianças ficaram sensibilizadas com a atividade desenvolvida. Ao terminar, elas receberam um pano úmido para limpar os pés. O fundo do trabalho estava pronto.

Pudemos notar quanto o que é novo se apresenta como algo que estimula a criança. A curiosidade movimenta sua ação, pois ela espera desvendar o que lhe é encoberto e responder ao que se lhe apresenta como incógnita.



Figura 10 – Crianças deslizando na tinta sobre o papel.

Quando seco, deixamos o material em cavaletes e convidamos alunos, professores e todos os profissionais da escola para desenhar na nossa obra de arte, criando e recriando nas folhas, agora usando pincéis.

Com esta atividade, as crianças foram levadas a pensar sobre questões que envolvem o cotidiano de uma família. Lembramos que cada pessoa deve respeitar o espaço do outro para que as relações se situem de forma harmônica, tal qual na realização da tarefa, e que a Arte é uma das formas de desenvolvimento humano, formando o ser humano cultural humanizado, que respeita o outro.

Ainda com relação a este eixo, vale ressaltar o pensamento de Barroco:

Penso que levar os sujeitos a reconhecerem sua existência, bem como suas origens e desdobramentos, parece-me ser “uma causa pela qual lutar”, uma tarefa que a escola não pode deixar de fazer. Ir para além da reprodução das atividades cotidianas e, depois, voltar-se a elas, conscientemente, é objetivo a ser buscado pela escola, pondo em movimento de modo intencional e planejado, as funções psicológicas superiores, de modo próprio ao homem cultural que se apropria daquilo que a humanidade produz (valores, signos, ferramentas, processos). (BARROCO, 2007, p. 186).

Tal pensamento, que retrata a necessidade de desenvolver o homem cultural, resultado das interações, sobretudo com a família, representando o meio do qual o indivíduo faz parte, adquire valores culturais, artísticos, estéticos, filosóficos e sociais.

No eixo **Sociedade**, que foi trabalhado em três encontros, levamos aos alunos gravuras, peças de artesanato, vídeo sobre a Arte feita de barro, a Arte de Mestre Vitalino (1909-1963), o artista pernambucano que retratou em pequenos bonecos de barro a vida no Nordeste do Brasil e cuja arte retrata cenas que ele mesmo viu ou viveu. Falamos das várias manifestações artísticas e profissões que são abordadas na obra desse genial escultor. Refletindo, falamos que muitas vezes, a sociedade reproduz os interesses de uma classe que domina, escraviza e explora, e que a classe explorada e massificada reproduz os interesses da classe dominante. Após essa reflexão sobre a sociedade, realizamos atividade com argila. Exploramos o material e o manipulamos, desenvolvendo a coordenação motora fina, ao mesmo tempo em que as crianças trabalhavam a massa de modelagem.

Durante as fases iniciais de exploração as crianças aprendem a amassar, furar e arrancar pequenos pedaços para depois aprenderem a fazer cobras e bolinhas. Fizemos animais, panelinhas, comidas e figuras humanas. As peças foram colocadas em lugar ventilado para secar. Embora, de modo geral, os alunos amassem a atividade, uma criança disse que não queria sujar as mãos; mas vendo seus amigos tão envolvidos e apreciando a Arte dos colegas, ela não resistiu e manuseou normalmente o material, criando e recriando coisas. Os alunos foram orientados a queimar as peças num forno de cerâmica a 60º C, ou em um forno de barro caseiro, para que as peças não se quebrassem tão facilmente. Explicamos-lhes que a cerâmica pode ser pintada com guache ou tinta látex.



Figura 11 – Criança criando personagens com argila.

Mostramos a tela de Cândido Portinari “*Espantalho*” e observamos com as crianças o quadro, as cores, o acabamento e a importância histórica da tela. Explicamos que essa forma de Arte é praticada com muita frequência no meio rural de muitos países. Depois de concluir essa conversa, as crianças, reunidas em grupo, montaram um espantalho, utilizando materiais diversos, acessórios e vestuário, conforme descrevemos nos passos a seguir.

1. Cruzeta: usando dois cabos de vassoura, foi montada uma cruz, sugerindo um esqueleto.

2. Estrutura da cabeça: poderia ser montada com uma caixa de sapato.

3. Estrutura da mão: as mãos da pessoa que o manipulará.

4. Os pés foram representados pelos pés da pessoa que o manipulará.

5. Acabamento: Cabelo, rosto, acessórios, vestuários, com enfeites conforme a escolha do personagem.

Para finalizar a atividade, as crianças deram um nome ao espantalho criado, explicando o porquê do nome escolhido.





Figura 12 – Crianças em equipe, mostrando o personagem criado.

Novamente os alunos fizeram uma figura humana e a comparamos com a primeira que eles haviam feito aproximadamente dois meses antes. Esta figura serviu para avaliar o processo de mediação docente, bem como a compreensão das crianças em relação aos eixos trabalhados: indivíduo, família e sociedade. As atividades desenvolvidas com os alunos trouxeram uma certeza de conquistas, criatividade e desenvolvimento, pois estes perceberam que o indivíduo é construído num processo sócio-histórico, no qual o ser humano sofre influência das relações que estabelece.

Para Barroco (2007, p. 189), “Educação é um processo histórico que leva os indivíduos para além da condição de serem apenas espécie biológica. Ela implica a ação que permite aos homens a apropriação dos conteúdos já produzidos pela humanidade”.

Outra questão importante foi perceber, pelas atividades artísticas desenvolvidas, o valor da Arte enquanto recurso que forma homens culturais humanizados.

A avaliação das atividades foi realizada de forma contínua, através de fichas descritivas nas quais foram registrados os seus avanços e conquistas obtidos com a mediação e orientação do professor. Foram levados em conta o interesse, a participação, a criatividade, a cooperação e também a interpretação das crianças dos conteúdos filosóficos, artísticos e culturais contidos nos três eixos trabalhados - o indivíduo, a família e a sociedade.

Na finalização das atividades de implementação pedagógica na Escola, objeto de reflexão deste artigo, foi feita uma exposição de fotos e trabalhos retratando momentos importantes das atividades executadas com as crianças. Estas usaram camisetas estampadas com sua Arte enquanto desenhavam ou explicavam aos demais alunos e profissionais da escola as atividades desenvolvidas.



Figura 13 – Crianças desenhando e preparando-se para a exposição dos trabalhos.



Figura 14 – Alunos da escola assistindo vídeo dos personagens de Mestre Vitalino.



Figura 15 – Alunos e professora observando a explicação da professora do PDE.

Outro ponto alto do projeto PDE foi a interatividade nos trabalhos e pesquisas com os professores do GTR (Grupo de Trabalho em Rede), com participação direta de professores da rede estadual do Paraná, em *ambiente moodle*, quando os primeiros professores citados passaram pela etapa de formação teórica sobre a temática. É importante destacar, no Tema 2, o prosseguimento dos nossos estudos sobre a Arte na Educação Especial. Os cursistas tiveram acesso à produção didática no intuito de avaliar a importância desta para a escola pública.

As postagens, mais uma vez, foram realizadas com muito compromisso. A grande maioria fundamentou suas colocações e - o mais importante - com citações da própria pesquisa, o que comprova que leram o material.

Os cursistas concluíram ser viável a implementação dessa unidade didática, enalteceram a forma como foi organizada e fizeram, inclusive, sugestões muito oportunas.

Os participantes do curso constataram que a Arte é um instrumento de transformação social e cultural, tendo papel fundamental no processo de humanização dos nossos alunos, tanto daqueles com NEE, quanto daqueles da escola comum. Assim, o grupo apresentou excelente desempenho nos trabalhos apresentados na temática.

Muitos participantes citaram exemplos de práticas desenvolvidas em suas escolas. Mencionaram, ainda, os avanços que os estudos desenvolvidos no curso GTR lhes favoreceram.

Destaca-se que o grupo sempre realizou postagens em número bem superior ao solicitado, o que demonstra o interesse dos integrantes pelo estudo oferecido.

Conforme discussões e relatos, foi possível concluir quão importante é trabalhar conteúdos relacionados ao indivíduo, à família e à sociedade, pois tais concepções fortalecem seu próprio modo de agir e sua interação com o mundo.

3 - Conclusão

O desenvolvimento do trabalho ocorreu de maneira satisfatória, superando nossas expectativas. Os alunos contribuíram com seu entusiasmo e a escola deu todo o apoio necessário para o desenvolvimento das ações.

As atividades desenvolvidas com os alunos trouxeram uma certeza de conquistas, amadurecimento e crescimento. Foi possível percebê-los refletindo e executando as atividades com diálogo, emoção e encantamento.

Acreditamos que o tema proposto - A Arte na Educação Especial - motivou reflexões entre o grupo de professores participantes, bem como interações e trocas de experiências.

A análise do grupo de professores participantes referente à produção didático-pedagógica foi de grande relevância, pois permitiu ver a Arte como instrumento de transformação social e cultural, tendo papel fundamental no processo de humanização dos nossos alunos tanto com NEE, quanto os das escolas comuns.

Pelas discussões e pelos relatos de experiência feitos pelos professores participantes podemos concluir a importância de ensinar aos alunos conteúdos que os enriqueçam no seu desenvolvimento pessoal, bem como o alto significado da participação da família e da inserção na sociedade da criança com deficiência intelectual como cidadão que merece respeito, carinho e atenção e que tem direito à inclusão - afinal, o processo de humanização de alunos com NEE se dá quando estes começam a interagir com o mundo. Ademais, pode-se afirmar que “a Arte é fonte de humanização e por meio dela o ser humano se torna consciente de sua existência individual e social; percebe-se e se interroga, é levado a interpretar o mundo e a si mesmo” (SEED, 2008, p.56).

Desta forma, conclui-se que o ensino de Arte deve interferir e expandir a visão de mundo e do ser humano partindo da sensibilização e humanização do contexto histórico, cultural e social no qual o indivíduo está inserido. Por outro lado, entendemos que o estudo desta temática não se esgota nesse trabalho, mas também que deste pode gerar pesquisas para entender a Arte no processo de humanização de alunos com deficiência intelectual.

Referências

BARROCO, Sonia Mari Shima. **Psicologia Educacional e Arte: Uma leitura histórico-cultural da figura humana.** Maringá: Eduem, 2007.

COSTA, Cristina. **Questões de Arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico.** Moderna: São Paulo, 2006.

FERREIRA, Solange Lemi. **Teatro e deficiência mental: a arte na superação de nossos limites.** São Paulo: Mennon, 2002, p. 16-23.

FREITAS, Neli Ke PEREIRA, Janaina de A. **Necessidades educativas especiais, arte, educação e inclusão.** E-CURRICULUM: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós Graduação: Currículo. São Paulo., v.2, n.2, 2007. (ISSN-1809-3876). <www.pucsp.br/ecurriculum>, acessado em 25 de agosto de 2010.

GOMBRICH, L. H. **A história da arte**, Trad. Álvaro Cabral. 16. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1995.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky - Aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio- histórico.** São Paulo: Scipione, 1993.

RICHTER, Ivone Mendes; PIMENTEL, Lúcia Gouvêa, et. al. Multiculturalidade e Interdisciplinariedade. In: BARBOSA, Ana Mae (org.) **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** São Paulo: Cortez, 2003, p. 85-93.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, **Diretrizes Curriculares da Educação Básica - Arte.** Curitiba, SEED, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/diretrizes_2009/artede.pdf>. Acesso em: 04/03/2011.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da Arte**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a História do Comportamento: Símios, Homem Primitivo e Criança**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone Editora Ltda, 2006